

Universidade Federal do Espírito Santo
Licenciatura Intercultural Indígena
PROLIND

**MEMORIAL DO PRODUTO EDUCACIONAL: A IMPORTÂNCIA
DAS PLANTAS MEDICINAIS NO TERRITÓRIO TUPINIKIM DE
CAIEIRAS VELHA**

Raquel Alves Silveira
Vanusa Alves Silveira Bertordo

Aracruz
2022

Universidade Federal do Espírito Santo
Licenciatura Intercultural Indígena
PROLIND

MEMORIAL DO PRODUTO EDUCACIONAL: A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAIS NO TERRITÓRIO TUPINIKIM DE CAIEIRAS VELHA

Raquel Alves Silveira
Vanusa Alves Silveira Bertordo

Memorial que acompanha o produto educacional do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientadora: Dra. Paula Cristina Pereira Silva

Aracruz
2022

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS.....	04
1.1 Memorial de Raquel Alves Silveira.....	04
1.2 Memorial de Vanusa Alves Silveira Bertordo.....	07
2. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	10
2.1 Objetivos da pesquisa.....	10
2.2 Percurso metodológico.....	11
3. O PRODUTO EDUCACIONAL.....	12
4. AGRADECIMENTOS.....	13
4.1 Raquel Alves Silveira.....	14
4.2 Vanusa Alves Silveira Bertordo.....	16
5. BREVES PALAVRAS DA ORIENTADORA.....	16
6. REFERÊNCIAS.....	19

1. APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS

Este memorial faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Tupinikim e Guarani (PROLIND-UFES) e tem como objetivo apresentar as nossas trajetórias pessoais e profissionais e, assim, situar como surgiu o produto educacional: *A importância das plantas medicinais no território tupinikim de Caieiras Velha*.

Antes de nos apresentarmos individualmente e compartilhar nossas trajetórias formativas, é importante destacar que a nossa primeira formação veio dos nosso pais, Geruza Alves Silveira e Manoel Silveira. Foram com eles que aprendemos somos as plantas medicinais, sobre a necessidade de fortalecer os conhecimentos ancestrais no nosso povo tupinikim.

1.1 Memorial de Raquel Alves Silveira

Eu nasci na Aldeia Indígena Caieira Velhas, no Espírito Santo, Município de Aracruz, no ano de 1987. Filha de lavradores, tenho 8 irmãos. Hoje tenho 35 anos de idade, um companheiro e 3 filhas.

Meu primeiro contato com a escola foi na 1° série, não estudei no Infantil pois é na primeira infância em que é consolidada os ensinamentos com os pais e avós.

Estudei na minha Aldeia na Escola Pluridocente Caieiras Velha da 1° Série. Aprendi a ler as primeiras palavras no final da 3° série e me recordo com muito carinho da professora que me ensinou a ver o mundo com outros olhos.

A professora Marilene que dava aula na aldeia sempre trabalhou com muita dedicação na nossa aldeia, todos os pais a adoravam. Ela . Por morar muito longe da escola eu frequentava apenas 2 ou 3 vezes á escola.

Recordo-me das vezes em que a professora e os demais alunos apareciam na minha casa para me visitar e perguntar a minha mãe o motivo das minhas faltas. Nessa época, eu era igual bicho do mato, corria e me escondia atrás da casa. Um outro motivo das minhas faltas é que quando tinha grandes períodos de chuva durante

o ano, minha mãe não insistia para que fossemos para a escola.

Na escola o lugar que eu mais gostava de ficar, era na biblioteca da escola, embora não soubesse ler, eu folheava as imagens e criava as histórias na minha memória.

Meus pais não tinham muito recurso para poder dar uma mochila, cadernos e calçado. Meu pai sempre foi agricultor, vendia caranguejo, se virava como podia, e minha mãe trabalhava cuidando da casa, ambos não terminaram os estudos, minha mãe só foi até a 2ª série e meu pai até a 3ª série. Meus pais não terminaram os estudos pois precisaram trabalhar muito novos.

Na 5ª série tive que estudar em uma escola fora da Aldeia, na Escola Estadual Primo Bitti, mas minha experiência não foi muito boa, pois sofri muito preconceito, eu e meus amigos. Quando a professora, pedia para formar grupos para fazer trabalhos, ninguém queria fazer trabalho conosco e, por isso, muitas vezes nós fazíamos grupos entre nós mesmos, ou só.

Minha adolescência foi muito boa, participava dos grupos de dança dos curumins e depois do grupo dos guerreiros. Aos 17 anos eu já participava dos movimentos de lutas e das ações que aconteciam dentro da Aldeia. Aos 18 anos passei para o Ensino Médio, na mesma escola que fiz o 1º ano e foi no 1º ano que entrei pela primeira vez em um laboratório de Lied (Laboratório de Informática Educacional) onde vi ao entrar vários computadores. Eu ficava muito feliz quando a professora levava a nossa turma para pesquisar nos computadores, fiquei alegre em aprender a ligar e desligar o computador.

No ano de 2005 eu engravidei da minha primeira filha e então tive que parar de estudar. Quando minha filha completou 7 meses decidi voltar a estudar. Terminando o 3º ano do Ensino Médio, engravidei novamente e fiquei um ano em casa cuidando do bebê. No ano seguinte, decidi cursar uma faculdade de Pedagogia na UNIP Universidade Paulista, com a ajuda do meu esposo.

Depois fiquei sabendo de um edital um processo seletivo de professor de Artes na Aldeia de Caieiras Velha, e o cacique me perguntou se eu queria fazer o processo. Fiz o processo seletivo e passei, fiquei muito feliz pois sabia que iria

trabalhar na minha Aldeia, na Educação Indígena, passei por muitos momentos difíceis durante os estudos, mais jamais pensei em desistir.

No ano de 2015 a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) disponibilizou algumas bolsas para estudantes indígenas pudessem cursar uma licenciatura indígena, mas essa conquista só foi possível, através de muitas lutas dos nossos caciques e lideranças. Assim, muitos indígenas tiveram a oportunidade, como eu e minha irmã, de conseguir cursar essa licenciatura.

Em 2016 conclui na faculdade na Unip o curso de pedagogia, onde foi uma das realizações muito importante em minha vida e no dia da minha formatura senti um misto de emoções, pois durante o juramento lembrei de tudo o que passei para estar ali realizando o meu sonho.



Figura 1 – Minha formatura
Fonte: Raquel

Em 2017 iniciei minha tão sonhada Pós-Graduação, pois era um sonho, conhecer mais, e partilhar conhecimento para meu povo. Fiz duas pós graduação na faculdade MULTIVIX Nova Venécia (Educação Infantil e Séries Iniciais) e outra em 2018 na Faculdade São Gabriel da Palha (Educação Especial e Inclusiva) e atualmente atuo na Educação Especial como Professora de Educação Especial - DM no Atendimento Educacional Especializado.

No ano de 2017 engravidei da minha terceira filha, Lavínia, e a gravidez não atrapalhou meus estudos, no Prolind, fui até aos 9 meses para a faculdade. Peguei

licença mais mesmo assim não aguentei ficar em casa por muito tempo, e uma colega me orientou a voltar antes, pois assim eu não ficaria com disciplinas atrasadas, uma das minhas preocupações. Por muitas vezes carregava minha bebê para o curso comigo, minhas duas filhas e marido iam para ajudar a olhar elas. Essa era a situação das outras alunas, as vezes a sala ficava cheia de crianças.

Atualmente sou professora de Educação Especial na Emefi Caeiras Velha.



Figura 2 – Eu na sala de aula durante pandemia de Covid-19
Fonte: Raquel

1.2 Memorial de Vanusa Alves Silveira Bertordo

Eu nasci em 06 de junho de 1977 na Aldeia Indígena Tupiniquim de Comboios, Aracruz ES. Hoje, tenho 45, sou divorciada e tenho duas filhas.

Posso dizer que minha vida nunca foi fácil, sempre cheia de desafios. Aos 8 anos de idade frequentei a primeira escola onde eu nasci. Naquela época, a escola não tinha nem nome. Hoje, ela chama Escola Pluridocente Comboios de Baixo. Em 1984, nos mudamos para a Aldeia Tupinikim de Caieiras Velhas, onde estudei até a 4ª série na Escola Pluridocente Caieiras Velhas. Em 1984 fui morar com minha tia em

Barra do Riacho Município de Aracruz, chegando lá me matricularam na Escola Caboclo Bernardo onde conclui a 5ª e a 6ª série. No caminhar do estudo arrumei um serviço de babá e tive que trabalhar de dia e estudar a noite.

Em 1993 fui morar em Aracruz e frequentei a Escola Placidino Passos, onde pude terminar o Ensino Fundamental.

Em 1996, retornei para a Aldeia e fui trabalhar como doméstica em um bairro próximo a minha casa, Bairro Coqueiral. Quando chegando na casa que trabalharia pude encontrar uma família abençoada que me acolheram com muito carinho. Minha patroa, Maria de Lurdes Cetto, incentivou-me a terminar o Ensino Médio. Eu trabalhava até uma certa hora e logo após, ela me mandava parar que eu estava fazendo e tirasse um tempo para estudar. Conclui o Ensino Médio na Escola Estadual Primo Bitti. Em 2003, entrei na Faculdade de Direito na Cidade (FAACE) de Aracruz, próxima a minha Aldeia, fiz até o 10º Período, mas parei no projeto da monografia e não pude voltar por questões financeiros e outros motivos.

Em 2015, teve o processo seletivo para ingressar no Prolind, onde juntamente com alguns colegas das aldeias fizemos uma prova e graças a Deus passamos. Esse curso do Prolind foi oficializado por meio de muitas lutas por partes dos nossos líderes, por isso fizemos o nosso melhor para não decepcioná-los.



Figura 3 – Alunos PROLIND
Fonte: UFES - PROLIND

O Prolind pra mim é uma grande conquista, pois através desse curso posso ajudar minha comunidade passando os conhecimentos que aprendi para frente, vou dar o melhor de mim.



Figura 4 – Eu e os alunos 5º ano
Fonte: Imagem de Vanusa Alves

Há seis anos estou em sala de aula não como professora, mas auxiliando o professor em sala de aula tanto no ensino Fundamental, como também no Infantil. Amo que faço e nessa trajetória aprendi muitas coisas.

2. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Escolhemos esse tema pois falar de plantas medicinais reforça o nosso contato com a natureza, que tem um grande significado e importância em nossas vidas. Desde criança víamos os nossos avós e pais sempre utilizando as plantas para a cura de diversas doenças, antes as doenças eram muito agressivas devido a falta de vacinas e, como na aldeia não tinha posto de saúde, o nosso povo as tratava com a utilização das plantas medicinais. Graças aos conhecimentos ancestrais do nosso povo tupinikim quase não ficávamos doentes antigamente.

Na Aldeia de Caieiras Velhas quase ninguém adoecia, e quando isso acontecia, o povo buscava a cura nas plantas medicinais nos seus quintais ou nas matas. Hoje, as coisas mudaram, as pessoas estão cada dia mais dependentes dos comprimidos, das farmácias, e essa situação está fazendo com que o nosso povo não utilize o nosso conhecimento ancestral sobre as plantas medicinais, que nos era passado desde a infância. Diante disso, essa pesquisa visa colaborar com a valorização dos saberes medicinais das plantas, para que esse conhecimento não se perca e possa ser compartilhado com as crianças e jovens da aldeia.

2.1 Objetivos da pesquisa

Tendo em visto o desejo de contribuir com valorização dos conhecimentos ancestrais do nosso povo tupinikim sobre o cuidar da saúde por meio das plantas medicinais, realizamos uma pesquisa que tinha como objetivo geral: compreender a importância das plantas medicinais para o povo tupinikim. Para isso, percorremos os seguintes objetivos específicos:

- a) Investigar junto aos mais sábios tupinikim os saberes sobre as plantas medicinais;
- b) Registrar receitas de remédios e garrafadas tupinikim;
- c) Estimular o compartilhamento dos ensinamentos tupinikim sobre uso das plantas medicinais.

2.2 Percurso metodológico

Para compreender a importância dos conhecimentos ancestrais sobre o uso das plantas medicinais, foram realizadas entrevistas com alguns mestres tupinikim da Aldeia Indígena de Caieiras Velhas. Entretanto, destacamos que tivemos dificuldades de fazê-las devido a pandemia de Covid-19, pois muitas famílias ficavam isoladas sem contato com o outro. Algumas vezes quando agendamos a entrevista, alguém da família pegava Covid-19 e tivemos que esperar a pessoa melhorar e sair do isolamento.

Os sábios tupinikim entrevistados foram: um anciã, dois anciãos, uma jovem e uma senhora. Para fazer as entrevistas foi elaborado um questionário contendo onze perguntas sobre as plantas medicinais. Feito isso, fazíamos contato com cada entrevistado por telefone e pessoalmente, explicamos sobre o nosso projeto, o tema e porque escolhemos esse assunto. Marcamos com os que aceitaram participar um dia em que eles poderiam nos receber em suas casas para fazermos as entrevistas e registrar por meio de fotos, vídeos, áudios, os saberes compartilhados por eles. Após as entrevistas, as transcrevemos e selecionamos as fotos dos mestres e das plantas que conhecemos com eles. É importante destacar que pedimos a autorização dos entrevistados para colocarmos suas fotos no trabalho.

Enquanto fizemos a pesquisa, a pandemia ainda estava em curso, por isso as entrevistas foram feitas com máscaras, álcool em gel, respeitando o distanciamento e em um local aberto, como uma varanda, embaixo de uma árvore onde o entrevistado se sentisse à vontade. Cada entrevistado nos convidou para ir ao seu quintal para fazer a localização da planta, nos contar sobre seu nome, onde geralmente são encontradas na aldeia, para que serve e a receita (modo de preparo) dos remédios. Notamos enquanto fazíamos nossa pesquisa, que ir na casa dos entrevistados foi importante pois eles ficavam bem à vontade.

É importante destacar que por mais que tenhamos realizado uma pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa, já que usamos entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, ela também se enquadrou enquanto uma pesquisa de ação, que, segundo Gerhardt; Silveira (2009, p. 40), é um tipo de investigação concebida e

realizada em estreita associação com uma ação na qual os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Além disso, é importante destacar que por mais que tenhamos acessado bibliografias indígenas como Almeida (2013), Santo *et al* (2013), Araújo (2017), Santana (2018), para a realização da pesquisa foram os mestres tupinikim entrevistados a nossa fundamentação teórica para o desenvolvimento do produto apresentado.

3. O PRODUTO EDUCACIONAL

Após realizarmos as entrevistas, percebemos que estávamos diante de conhecimentos tupinikim preciosos, saberes ancestrais de cura que precisam ser valorizados. Por isso, buscamos desenvolver um produto educacional no formato de um livro que compartilhasse toda a riqueza dos saberes das plantas medicinais de forma acessível e atrativa. No livro, demos destaque aos mestres tupinikim que, cordialmente, compartilharam seus conhecimentos, nos receberam em suas casas e tornaram esse trabalho possível. Além disso, procuramos por meio de relatos pessoais, mostrar o poder das plantas medicinais e como podemos compartilhar conhecimentos sobre elas também na educação escolar indígena. Nesse sentido, o produto educacional que criamos pode ser acessado por diferentes tipos de pessoas e em diferentes contextos, como o familiar e o escolar.

A seguir, a estrutura do livro:

- **Capítulo 1:** Apresenta os mestres tupinikim detentores dos saberes sobre as plantas medicinais, compartilhando parte do que eles nos ensinaram ao longo da pesquisa. Nesta parte, é possível ver como a colonização ainda hoje deixa marcas no nosso território e nas nossas vidas, pois muitos dos nossos remédios ancestrais sumiram com o desmatamento do não indígenas.
- **Capítulo 2:** Compartilha alguns das receitas de remédios que aprendemos com os mestres tupinikim. Com isso, buscamos estimular o uso das plantas medicinais apresentando suas receitas com suas imagens em um formato que ao ser impresso e recortado, pode funcionar como um “cartão medicinal”.

- **Capítulo 3:** Mostra a utilização dos saberes sobre as plantas medicinais na instância familiar e escolar. Dessa forma, além de mostrarmos o poder das plantas medicinais frente aos remédios não indígenas, também indicamos que caminhos para compartilhar tais saberes ancestrais na escola, com as gerações mais novas.

4. AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus pois até aqui nos ajudou o Senhor. Agradecer pela oportunidade de estudar na UFES e ter cursado uma Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani, por ter conhecido pessoas maravilhosas e professores que foram muito importantes nessa jornada.

Durante esses anos passamos por diversas situações boas e também difíceis, pois no início tínhamos o lanche, que depois foi tirado. E mesmo com nossos filhos pequenos não deixávamos de ir para a base estudar, e quando o desânimo batia, uns ajudavam o outro com palavras de incentivo.

Agradecemos também aos sábios que entrevistamos: O senhor Edval Sebastião da Conceição, a Vanilda Alves Silveira Costa e o senhor Eunício Barbosa, por compartilhar seus saberes e conhecimentos.

Agradecemos também aos Caciques e Lideranças que por muitos anos lutaram para que tivéssemos os nossos direitos garantidos e de ter conseguido que a UFES abrisse as portas para que nós indígenas tivéssemos a oportunidade de ter uma formação intercultural para poder mostrar a nossa cultura e tradição.

Somos imensamente gratos à nossa família, ao nosso pai Manoel Silveira e Geruza Alves Silveira, por estarem sempre ao nosso lado e intercedendo em orações por nós.

Somos gratos também a Celeste Cicaroni por abraçar a causa indígena e acreditar no nosso sonho, e também a pedagoga do PROLIND, Leidiane Pêgo, por sempre nos incentivar nessa jornada de estudos e que por muita das vezes quando estávamos passando por algum momento difícil, sempre nos ajudou e nos

compreendeu.

Em especial a nossa orientadora Paula Cristina Pereira Silva, por ser uma pessoa maravilhosa que Deus colocou em nosso caminho, para nos ajudar no nosso projeto. Paula é uma pessoa muito dedicada, é um ser de luz e que sempre nos compreendeu, saiba que temos muito orgulho e somos gratos por tê-la como orientadora.

A Paula e aos sábios tupinikim, deixamos o nosso sincero carinho e respeito por vocês, saibam que não temos palavras para descrever o quanto está sendo importante estar com vocês, pois aprendemos muito com todos que fizeram parte do Prolind.

4.1 Raquel Alves Silveira



As minha filhas, Kawany, Lavínia e Thaynara.



Ao meu companheiro Otoniel e a minha família.

Agradeço também a minha tutora Berenice a qual sempre me orientou, por muitas vezes puxava minha orelha e até me fazia chorar, mas eu sabia que os puxões de orelha era pra meu crescimento.

Outra pessoa muito importante a qual sempre serei grata é a Rose Cavallieri dona da Faculdade UNIP, e também a anja chamada Marinete que me deu um choque de realidade e me instrui da melhor maneira sobre o estágio supervisionado e foi ela em que me deu todo o suporte durante o estágio pois eram muitos documentos que quase entrei em desespero quando vi.

Agradeço também á uma argentina que ganhou meu coração a tutora Silvana que sempre estava ali para me dar uma palavra de conforto e me auxiliava sempre, confesso que Deus colocou pessoas muito importantes no meu caminho em que levarei para a vida.

4.2 Vanusa Alves Silveira Bertordo



As minhas filhas, Yandra e Adrielly, meu porto seguro, minhas companheiras que sempre estiveram do meu lado dando me força para continuar e sempre me diziam: “força mãe, não desista, falta pouco”.

5. BREVES PALAVRAS DA ORIENTADORA

A entrada ‘oficial’ dos povos indígenas nas universidades muito tem me ensinado. Com suas epistemologias outras, que muito se diferem da ocidental dominante, tenho aprendido sobre outros caminhos e formatos possíveis para a pesquisa acadêmica, assim como outras finalidades. Diversos teóricos indígenas destacam as várias especificidades do fazer pesquisa entre eles, questionando inclusive, como bem ressalta a indígena Linda Smith, a quem a pesquisa serve, a quais interesses e quem vai se beneficiar dela. Por se tratar de povos que, na sua maioria, possuem epistemologias e ontologias fundamentadas na coletividade, os teóricos indígenas têm destacado a importância da pesquisa acadêmica se alinhar e

atender aos interesses do coletivo, das aldeias, e, assim, trazer contribuições para as lutas de diversas naturezas que os povos originários ainda enfrentam diariamente. Estamos diante então de pesquisas que, como destaca a indígena Margaret Kovach, colaboram com a justiça social, cognitiva e ecológica. Ao meu ver, o trabalho de Raquel e Vanusa além de estar alinhado com essa discussão teórica feita por indígenas de diversos povos e continentes, exemplifica bem o que eles têm discutido.

Neste memorial, é possível perceber que Raquel e Vanusa nunca esqueceram os ensinamentos familiares que receberam sobre as plantas medicinais, que inclusive fazem parte de suas vidas pessoais e profissionais. Além disso, podemos perceber que elas têm consciência que destacar a importância de tais ensinamentos é colaborar com o rompimento de práticas e discursos coloniais que subalternizam os saberes do seu povo e da natureza. Assim, quando elas propõem um produto educacional centrado nos saberes tupinikim sobre as plantas medicinais, colaboram com a justiça cognitiva e social ao enfrentarem o discurso farmacêutico de que a cura acontece 'somente' pelo uso de remédios da sociedade ocidental dominante. Remédios esses que muitas vezes são vendidos a preços inacessíveis, com prazo de validade reduzidos para 'obrigar' o descarte e consumo dos mesmos, uma indústria farmacêutica bem alinhada com o capitalismo 'selvagem'. Além disso, o livro mostra diversos saberes e seres, mestres tupinikim e seres da floresta, que historicamente foram subalternizados e excluídos dos locais de produção de conhecimento. Nesse sentido, o produto também colabora com a justiça ecológica pois compartilha práticas respeitadas, sustentáveis, que valoriza à mãe Terra e destaca a nossa responsabilidade para com ela, para inclusive reparar o que a colonização destruiu e o que a sociedade "moderna" ainda insiste em destruir. Por isso, retornar a comunidade os conhecimentos que Raquel e Vanusa aprenderam e registraram ao longo da pesquisa que fizeram é materializar, mesmo que na escala micro, a justiça cognitiva, social e ecológica para o seu povo e os diversos seres que ancestralmente coexistem com eles.

Fico extremamente feliz pelo Pro-lind/UFES permitir e potencializar caminhos outros no fazer pesquisa acadêmico porque isso sim é reconhecer e potencializar a

multiplicidade epistêmica que constitui o Brasil, e de colaborar com o questionamento e rompimento de práticas coloniais que ainda reverberam nos espaços de produção de conhecimentos. Além disso, fico muito orgulhosa por minhas orientadas terem tido coragem para honrarem o compromisso que possuem com seu povo, com a natureza, por meio de um fazer pesquisa que além de ser coletivo, a todo momento, busca retornar para o seu povo, de forma acessível e envolvente, todo conhecimento que produziram juntos.

Destaco ainda a força e a resiliência de Raquel e Vanusa, nítidas neste memorial. Estamos diante de guerreiras que não desistiram frente aos diversos problemas que cercaram suas vidas, suas histórias enquanto Tupinikim e que, mesmo frente as diversas limitações e restrições que a pandemia de Covid-19 trouxe para a realização do TCC, nos mostraram ser possível resistir e (re)existir enquanto indígenas, alunas, pesquisadoras e educadoras.

Obrigada meninas! Obrigada povo tupinikim!

Paula Cristina Pereira Silva

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Valdeir Marcos. **Plantas Medicinais e Processo de Cura Xacriabá**. LITRATURAS/FALE /UFMG BELO HORIZONTE, 2013.

ARAÚJO, Rosangela Braz. **Benzedeiros e rezadores: Sobre ervas, banhos e curas do povo pataxó**. Trabalho de Conclusão de Curso, FIEI/UFMG, 2017.

EDUCADORES TUPINIKIM. **Resgatando a Memória e a Tradição Tupinikim**. Aracruz, 1996.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Metodologia da pesquisa**. 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

SANTANA, Joseane Ponçada. **Práticas e dosagens tradicionais da medicina Pataxó da aldeia Boca da Mata**. 2018. [56 p.]. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SANTOS, Cleuza Ferreira; ARAÚJO, Juvenira Ferreira; ARAUJO, Marli Gonçalves; SANTOS, Genival Conceição. **O conhecimento tradicional Pataxó sobre as plantas medicinais**. Trabalho de Conclusão de Curso, FIEI/UFMG, 2013.